Pirarucu Z-32: uma experiência de documentação fotográfica[1]

Rafael CASTANHEIRA[2]
Universidade de Brasília (UnB), DF

RESUMO

Entre os anos de 2006 e 2010 participei e documentei em textos e fotografias o manejo de pesca do pirarucu (*Arapaima gigas*) realizado pela Colônia de Pescadores Z-32 de Maraã, no Amazonas – área da Reserva Mamirauá. Através da documentação procurei (re)construir a história dessa pesca do ponto de vista social, econômico e ambiental, com foco nas relações sociais entre os pescadores e destes com o meio ambiente. Dessa forma, esse artigo se propõe a apresentar e refletir sobre o processo desse trabalho: da pesquisa prévia para a escrita do projeto à primeira abordagem aos pescadores, dos métodos empregados na documentação à organização e análise dos dados coletados, da edição final dos textos e imagens à exposição fotográfica *Pirarucu Z-32* e à publicação de minha dissertação de mestrado da qual esta documentação é parte.

PALAVRAS-CHAVE: fotografia documental; narrativa visual; manejo de pesca; pirarucu.

O manejo de pesca na Reserva Mamirauá e a Colônia Z-32 de Maraã

A Reserva de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá (RDSM, daqui em diante) foi criada em 1990 pelo governo do Estado do Amazonas, compreendendo uma área de 1.124.000 hectares, delimitada pelos rios Solimões, Japurá e Uati-Paraná, na região do médio Solimões, próxima a cidade de Tefé (600 km a oeste de Manaus) (SCM, 1996). Trata-se de uma categoria de Unidade de Conservação (UC) cuja área protegida é de uso sustentável com o objetivo de promover a conservação da biodiversidade e a exploração racional dos recursos naturais por parte de seus habitantes.

O manejo de pirarucu foi implementado, em 1999, pelo Projeto Mamirauá, hoje Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá (IDSM, daqui em diante) – Organização Social com Contrato de Gestão assinado com o Ministério da Ciência e Tecnologia e Inovação (MCTI). Juntamente com o Centro Estadual de Unidades de Conservação (CEUC/SDS), o IDSM é responsável pela co-gestão da Reserva Mamirauá e atua no desenvolvimento de pesquisa, monitoramento e extensão, visando à conservação da

[1] Trabalho apresentado no GP Fotografia do XIII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

[2] Fotógrafo e pesquisador, Rafael Castanheira é mestre em Cultura Visual pela Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás (FAV-UFG) e doutorando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília (FAC-UNB). Email: rafaelcastanheira@hotmail.com

biodiversidade da Amazônia pelo uso sustentável dos recursos naturais e participativo das comunidades ribeirinhas da região[3].

A pesca é uma das principais atividades praticadas na Reserva Mamirauá e, no município de Maraã, além de ser a maior fonte de alimento e trabalho, ela constitui a identidade do povo da região. Pescadores locais afirmam que, no passado, os recursos pesqueiros do município eram demasiadamente explorados não apenas por seus moradores, mas também por frotas pesqueiras comerciais das cidades de Tefé e Alvarães e de outros municípios amazonenses, como Manaus e Manacapuru.

Com a criação da Colônia de Pescadores Z-32 de Maraã (COLPEMA, daqui em diante), a atividade pesqueira tornou-se ainda mais importante para a economia da cidade, especialmente, após a implantação do manejo de pirarucu, que é realizado, desde 2002, no Complexo do Lago Preto– área pertencente ao município de Maraã e inserida também nos limites da Reserva Mamirauá (Fig. 1).

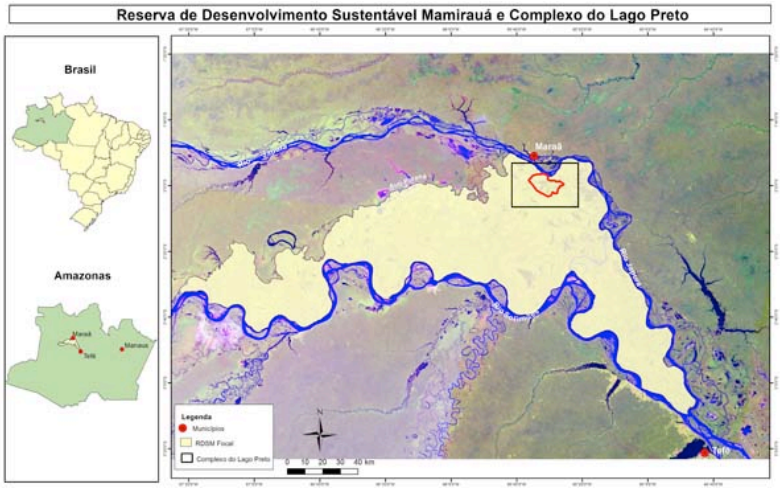

Fig. 1 – Mapa da Reserva Mamirauá com Complexo do Lago Preto destacado.
Fonte – Sistema de Informação Geográfica do Instituto Mamirauá (SIG-IDSM).

O Complexo do Lago Preto está situado a 17 km em linha reta da sede do município de Maraã. É neste local, com cerca de 18,5 km² e 37 lagos, que os pescadores da COLPEMA começaram em 1999 os seus trabalhos de preservação ambiental. Em 2001, à convite dos pescadores da COLPEMA, os pesquisadores do Programa de Manejo de Pesca do Instituto Mamirauá foram ao Complexo do Lago Preto, fizeram o zoneamento da área, nomeando os lagos e desenhando, primeiramente à mão, o mapa que foi depois detalhado com a ajuda de imagens de satélite e constataram que a região possuía quantidade suficiente

[3] Ver www.mamiraua.org.br

de pirarucus para o inicio do manejo. A partir desta constatação, elaboraram o projeto de manejo de pirarucu para a região, cuja proposta foi enviada e, posteriormente, aprovada pela Gerência Executiva do IBAMA no Amazonas para o ano de 2002.

Da escrita do projeto à abordagem aos pescadores

Em abril de 2006 estive em Maraã para escrever uma reportagem sobre o curso de Formação de Agente Ambiental Voluntário que o IBAMA oferecera aos moradores da cidade. Naquele momento, pude conhecer alguns pescadores e membros da diretoria da COLPEMA e assistir a um vídeo amador sobre os trabalhos de manejo de pesca que fora gravado em 2004. Aquelas imagens nunca me saíram da cabeça: filas extensas de canoas no igarapé de acesso aos lagos, uma enorme quantidade de pirarucus vindo à superfície a todo o momento para respirar, o frenesi de pescadores conversando animados e comemorando a cada pirarucu capturado e a natureza exuberante da selva amazônica compondo um cenário bucólico de homens em meio à mata verde.

No final de julho de 2006, na cidade de Tefé, encontrei-me com Luiz Gonzaga Medeiros de Matos, o "Luisão", à época Presidente da COLPEMA, e ao saber da inexistência de uma documentação sobre o manejo de pesca realizado pela instituição, propus uma parceria de trabalho que visava produzir um documentário fotográfico sobre aquela atividade. O então presidente interessou-se pela proposta e convidou-me para uma reunião com a diretoria da COLPEMA. Nesse encontro apresentei e entreguei-lhes uma cópia do projeto[4] de documentação da pesca manejada em Maraã que foi, posteriormente, por eles aceito.

Inicialmente, o projeto de documentação tinha o objetivo de registrar as etapas do manejo: as técnicas de captura do pirarucu, seu transporte e comercialização, ou seja, registrar a cadeia produtiva do pescado proveniente do manejo de Maraã. Para isso, além do serviço como fotógrafo, dispus-me a pagar os gastos referentes aos equipamentos fotográficos. Por outro lado, a COLPEMA fornecer-me-ia apoio logístico necessário para a realização do trabalho, como alimentação, acomodação e transporte para o meu deslocamento nos lagos.

[4] Na época, eu trabalhava para o Instituto Mamirauá e, além das conversas com meus colegas do Programa de Manejo de Pesca, pude ler relatórios anuais da instituição sobre o manejo de pirarucu na Reserva Mamirauá, sua história e descrição detalhada das atividades, o que me permitiu ter uma visão mais aprofundada do assunto sobre o qual me propus a documentar.

Firmou-se naquele momento uma parceria na qual eu me beneficiaria com o apoio logístico e, principalmente, com o consentimento dos pescadores que aceitaram a realização do trabalho e a minha presença entre eles. Em contrapartida, o projeto previa o direito de uso das fotografias em seus materiais de divulgação institucional. Ou seja, para a COLPEMA, a parceria representou uma oportunidade de divulgação de seus trabalhos para a sociedade e, sobretudo, para as instituições que atuam no setor pesqueiro do país, além de poder contar com um banco de imagens sobre suas atividades[5].

A documentação do manejo de pesca

Durante minha primeira estadia na região, entre os meses de julho e dezembro de 2006, dividia meu tempo na cidade de Maraã entre as leituras de textos sobre o manejo e documentos da COLPEMA, as entrevistas nas casas dos pescadores e as coberturas fotográficas de diversas reuniões de organização para a pesca.

Além das pesquisas na cidade de Maraã, onde pude acompanhar a rotina de vida dos pescadores no dia-a-dia com suas famílias e amigos, realizei diversas viagens ao Complexo do Lago Preto para acompanhar as atividades do manejo como, por exemplo, a fiscalização dos lagos, a contagem de pirarucus, a preparação do acampamento e dos flutuantes de tratamento e monitoramento do pescado, a pesca do pirarucu, o pré-beneficiamento dos peixes, seu escoamento e comercialização nos mercados de Maraã, Tefé e Manaus.

O resultado do trabalho realizado no ano de 2006 é um acervo com mais de 3.000 fotografias em preto-e-branco, textos em caderno de campo, cópias de documentos oficiais e entrevistas gravadas com pescadores, membros da diretoria da COLPEMA, técnicos em pesca e pesquisadores de diversas instituições privadas e governamentais ligadas à gestão da Reserva Mamirauá em Maraã, Tefé, Manaus e Brasília, além de donos de barcos, despachantes, comerciantes, empresários e consumidores.

Em janeiro de 2007 voltei a residir em Goiânia, Goiás, e, ao revelar os filmes e transcrever as entrevistas, relatos e descrições em meus cadernos de anotações, percebi que havia produzido uma grande quantidade de dados, reunindo um conjunto de imagens e textos que, se melhor trabalhado, poderia não apenas descrever a cadeia produtiva do pescado manejado de Maraã, mas, sobretudo, (re)construir a história do manejo de pesca do

[5] Após a realização da documentação das atividades do manejo de pesca do ano de 2006, eu enviei à sede da Colônia em Maraã três álbuns com cerca de 1000 fotografias impressas em formato 10 por 15 cm, 50 pôsteres em formato 30 por 40 cm e um CD-ROOM contendo todas as fotografias digitalizadas.

ponto de vista social, econômico e ambiental, com foco nas relações sociais entre os pescadores e destes com o meio ambiente.

Uso o termo (re)construir, pois parto do princípio de que toda forma de documentação fotográfica, ainda que se pretenda registrar a realidade tal como se vê, traz consigo a subjetividade do olhar do fotógrafo. A meu ver, a câmera fotográfica não é uma reprodutora neutra da realidade e toda fotografia é autoral e traz, além de seu conteúdo, a expressão, a forma, a escrita por meio da qual seu autor se exprime. Assim, construo a história do manejo a partir de fotografias e textos produzidos por mim e minha maneira de olhá-lo.

Diante deste contexto, decidi partir para a realização de um trabalho que envolvesse uma narrativa visual[6], cujo conteúdo abrangesse não somente a cadeia produtiva do pescado da COLPEMA (meu objetivo inicial), mas, principalmente, buscasse entender o que é para o pescador ser pescador (sua vida familiar, social e financeira), como é a sua relação com o meio ambiente e com os colegas de pesca e como ele enxerga o manejo dentro do contexto da preservação dos recursos ambientais de seu município, visando, finalmente, à produção de uma exposição fotográfica[7].

Ao entrar em contato com bibliografia especializada sobre Antropologia, Artes Visuais, Fotojornalismo e Fotografia Documental, decidi dar embasamento científico às experiências que tive em campo ao longo desse trabalho. Para isso, entrei em 2009 no mestrado do Programa de Pós-Graduação em Cultura Visual da Universidade Federal de Goiás (FAV/UFG) com um projeto de pesquisa, cujo objetivo principal era discutir o estatuto da fotografia documental contemporânea a partir de uma revisão bibliográfica sobre o tema e da análise crítica do meu trabalho de documentação do manejo de pesca e de outros trabalhos de fotógrafos que atuaram na região amazônica[8].

Entre os anos de 2007 a 2010, não podendo viver em Maraã, concentrei minha pesquisa à distância, retornando à região somente durante os meses de outubro e novembro,

---

[6] A narrativa visual dessa documentação será apresentada ao final deste artigo e tem como objetivo mostrar um conjunto de fotografias que, organizadas em uma sequência específica visa dar unidade ao trabalho em sua apresentação do tema.

[7] A exposição fotográfica *Pirarucu Z-32* foi realizada na *Potrich Galeria de Arte* em Goiânia, Goiás, entre os dias 12 de abril e 13 de maio de 2012 e deve seguir como projeto itinerante por outras capitais do Brasil. O vídeo sobre a exposição está disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=ZkTgAW0H46U

[8] Minha pesquisa, intitulada "Visualidades Amazônicas: a fotografia entre o documento e a expressão", foi defendida em abril de 2013 e encontra-se disponível em: http://www.academicoo.com/artigo/visualidades-amazonicas-a-fotografia-entre-o-documento-e-a-expressao.

período da pesca do pirarucu. A cada ano, permanecia em Maraã por cerca de 20 dias e buscava colher novos dados por meio de fotografias, entrevistas e relatos escritos em caderno de campo que abordassem diferentes aspectos sobre o manejo que não haviam sido percebidos e/ou coletados nos anos anteriores e poderiam, assim, dar outra perspectiva a minha pesquisa. Ao longo destes quatro anos, não apenas vivenciei todo o processo de organização, produção e comercialização da cadeia produtiva do pescado manejado do município de Maraã, mas também procurei conhecer a cultura da região e, sobretudo, a cultura do pescador: quem é, onde vive, como se relaciona com amigos, família e o meio ambiente.

O trabalho de campo

1- A abordagem aos pescadores

O fato de eu ter morado desde o início da pesquisa na sede da COLPEMA, em Maraã, representou um fator muito importante para a aceitação da minha presença por parte dos pescadores em sua comunidade. Mesmo depois de os membros da diretoria da COLPEMA terem aceitado a parceria de trabalho, eram ainda poucos os pescadores que me conheciam e o fato de ter meu quarto/escritório naquele local permitiu que eu me relacionasse com muitos deles quase todos os dias.

Para desenvolver um trabalho de campo para a produção de um ensaio documental é necessário que os sujeitos fotografados não apenas aceitem a presença do pesquisador na comunidade como também participem da elaboração dos dados da pesquisa. Afinal, como questiona Alves, "como o pesquisador poderá fotografar as pessoas se elas não o quiserem ali, junto delas? Ou, mesmo se o aceitarem, e sua presença causar constrangimentos?" (2004, p. 110).

Diante deste contexto, procurei conhecer não apenas os pescadores como todos os moradores da pequena cidade de Maraã. Para isso, foi fundamental a ajuda de dois dos meus principais informantes nesta pesquisa: "Luisão" e Ruiter Braga, respectivamente presidente e secretário da COLPEMA em 2006.

Além de ser apresentado informalmente aos pescadores nas ruas da cidade por "Luisão" e Ruiter, houve uma apresentação formal para todos os sócios da COLPEMA durante uma das reuniões de organização para a pesca. Nesta ocasião, expus meu projeto de documentação do manejo e expliquei que, para realizá-lo, acompanharia as atividades nos lagos para fazer as entrevistas e fotografias. Como eu estava inserido no universo dos

pescadores da COLPEMA e pouco conhecia sobre a cultura local, busquei acompanhar seu cotidiano de vida na cidade de Maraã antes do início da pesca nos lagos.

Durante todo o segundo semestre de 2006, conheci muitos pescadores. Enquanto buscava conhecer os fenômenos naturais e sociais naquela região da Amazônia, as técnicas e os tipos de pesca e ainda a personalidade de cada pescador, eles, por sua vez, perguntavam-me de onde eu vinha, como era a minha cidade e minha profissão, dentre outros assuntos.

Como mencionado anteriormente, eu enviei à sede da COLPEMA as fotografias que eu havia realizado ao final do primeiro ano da pesquisa. Em 2007 ampliei muitos retratos e entreguei pessoalmente aos respectivos retratados. Dessa maneira, nos anos que se seguiram (2008 a 2010) não apenas minha abordagem como também o meu relacionamento com os pescadores mudaria. Em 2006, eu tinha que aproximar-me dos pescadores, explicar-lhes os motivos da minha presença e os objetivos do trabalho para, talvez, fazer as entrevistas e fotografias. Naquele ano, muitos deles mostraram-se receosos e desconfiados com relação ao meu trabalho. Nos anos seguintes, os pescadores já me conheciam e se sentiam, portanto, mais à vontade com a minha presença e confiantes na minha documentação fotográfica. Assim, o processo inverteu-se e, ao chegar aos lagos, houve situações em que me chamavam pelo meu nome e me pediam para serem fotografados. Naturalmente, alguns deles tornaram-se meus amigos, informantes e parceiros importantes nesse trabalho.

Acredito que muitos dos pescadores queriam ser fotografados, pois, além de poderem ter seus retratos expostos em suas casas, os pôsteres que eu enviara a Maraã com suas imagens em meio aos peixes foram fixados nas paredes da sede da COLPEMA e todos que por lá passavam viam tais fotografias. É a visualidade do manejo materializada ajudando a (re)construir, de alguma forma, a história da instituição no imaginário coletivo da cidade.

É importante ressaltar que o pesquisador pode se envolver nas atividades que está documentando, adquirindo o que chama de *recipe-knowlege* (MONTEIRO, 2001, p.43). Mesmo não sendo pescador, procurava participar dos trabalhos da COLPEMA: remava junto com pescadores em nosso deslocamento pelos lagos e igarapés, montava o acampamento à beira do lago, preparava a refeição do dia, ajudava na contagem dos pirarucus e até mesmo tentei pescar por meio de técnicas que nunca havia experimentado antes, como, por exemplo, o arpão. Ao deixar de lado a câmera fotográfica e o caderno de campo para participar das atividades do manejo, meu comportamento pode também ser

caracterizado como aquilo que o antropólogo Bronislaw Malinowski chamou de *observação participante*[9]. Isso, sem dúvida, me aproximou dos pescadores e aumentou nossa cumplicidade, contribuindo de maneira significativa para o avanço desta documentação fotográfica.

2 - Os tipos de registros

Para o estudo da comunidade de pescadores da COLPEMA utilizei diferentes tipos de registros: o caderno de campo, o registro de áudio por meio de gravador e fita cassete (posteriormente gravador digital, formato mp3) e, especialmente, o registro de imagens por meio da fotografia. A metodologia utilizada em campo foi sendo desenvolvida ao longo desse trabalho e as escolhas dos tipos de registro, bem como do meu comportamento em campo, refletiam minhas experiências de vida: minha formação pessoal, profissional e acadêmica. O trabalho de campo envolveu as observações e reflexões anotadas em cadernos, as entrevistas e as sessões fotográficas realizadas nos lagos e nas cidades de Maraã, Tefé, Manaus, Brasília. A seguir, especificarei quando e como esses registros foram realizados.

2.1- As entrevistas

Ao longo dos cinco anos de trabalho, realizei cerca de 80 entrevistas com pescadores, membros da diretoria da COLPEMA, técnicos em pesca e pesquisadores de diversas instituições privadas e governamentais ligadas à gestão da Reserva Mamirauá em Maraã, Tefé, Manaus e Brasília, além de donos de barcos, despachantes, comerciantes e empresários. Parte das entrevistas, especialmente as dos técnicos e pesquisadores em pesca, foi previamente agendada e o roteiro das perguntas elaborado com base em pesquisa sobre o assunto abordado. No entanto, a maioria das entrevistas com pescadores eram abertas, sem roteiro, e as perguntas versavam sobre as atividades que estavam sendo desenvolvidas no momento, cujo objetivo era explorar a espontaneidade e naturalidade dos entrevistados. Com tempos de duração que variaram de 10 minutos a quase 2 horas, dependendo do entrevistado e da riqueza de detalhes do assunto abordado, as entrevistas foram dividas em 3 grupos: a) pescadores e membros da diretoria da Colônia Z-32; b) pesquisadores,

[9] A observação participante é um termo usado para definir um método de investigação social na qual o pesquisador se envolve nas ações do grupo social que está analisando. Este tipo de observação implica na sua participação na vida quotidiana da sociedade que se está pesquisando, sendo Bronislaw Malinowski um de seus maiores teóricos. Ver Malinowski (1976).

técnicos e funcionários de órgãos ligados à gestão dos recursos pesqueiros no Brasil; c) empresários e comerciantes de pescado.

Para escrever o Projeto de Documentação do Manejo de Pesca, realizei pesquisa em bibliografia especializada sobre o assunto. No entanto, muitas informações, especialmente aquelas referentes à realidade do município de Maraã como, por exemplo, as histórias da pesca na região e da criação da COLPEMA não estão documentadas em livros e só poderiam ser obtidas por meio de entrevistas com pescadores e moradores antigos da cidade. As perguntas dessas entrevistas eram previamente elaboradas e visavam obter as informações básicas sobre a realidade na região.

Há dois momentos e objetivos distintos na realização das entrevistas. Em 2006, quando o objetivo da documentação era a cadeia produtiva do pirarucu, as entrevistas traziam perguntas que enfocavam a pesca, os peixes e a administração da COLPEMA e a maioria dos entrevistados eram membros de sua diretoria, comerciantes, empresários do ramo e, principalmente, pesquisadores de instituições ligadas à gestão dos recursos pesqueiros na Amazônia.

A partir de 2007, o foco central do trabalho passou a ser o pescador e suas relações sociais durante as atividades do manejo. Nesse segundo momento, já com outro objetivo e uma melhor compreensão sobre a realidade da pesca em Maraã, meus entrevistados eram, exclusivamente, os pescadores e suas famílias e minhas perguntas versavam, principalmente, sobre os seguintes temas: O que significa para o pescador ser pescador? Qual é a sua visão sobre a pesca manejada e sua importância para a preservação do meio ambiente? Além do dinheiro que o pescador obtém no manejo, o que também lhe motiva para os trabalhos da COLPEMA? Qual é o papel das mulheres e da família no manejo? Como os pescadores enxergam o manejo para o futuro?

Com essa perspectiva, as entrevistas foram realizadas com os pescadores nos lagos, em sua maioria, entre os anos 2008 e 2010 e tiveram como finalidade não apenas conhecer a atividade pesqueira no manejo da COLPEMA (os métodos, técnicas e conhecimentos do pescador sobre o meio ambiente), mas, sobretudo, entender o que a profissão de pescador representa para eles. Para a seleção dos pescadores entrevistados foram priorizados os seguintes aspectos: a) presença nas reuniões da COLPEMA e nos lagos durante a pesca; b) nível de envolvimento nas atividades do manejo.

2.2 - Diário de campo

Para fazer as anotações durante as atividades do manejo de pesca foram considerados os seguintes aspectos: a) o evento ou a etapa do manejo que estava sendo documentada; b) a data, horário e local da documentação; c) as ações e os atores envolvidos na cena observada; d) os discursos e diálogos realizados pelos atores envolvidos na cena observada.

O diário de campo acompanhava-me durante todo o tempo e em todos os lugares onde eu desenvolvia meu trabalho. Nele, eu anotava o dia, a hora e o local da pesquisa, os números dos filmes usados e os nomes, quando possível, dos pescadores fotografados. Descrevia resumidamente o ambiente, os métodos e técnicas de pesca (arpão ou malhadeira), como os pescadores se distribuíam nos lagos, como se posicionavam nas canoas, o que levavam, comiam e conversavam. Nele, também eram relatadas as minhas impressões sobre a pesca e as conversas entre os pescadores: registros que as fotografias não podiam captar. Sobre a "necessária complementaridade" (virtudes e potencialidades) da escrita e da visualidade fotográfica, o antropólogo Etienne Samain, ao introduzir o livro *Argonautas do Mangue*, de André Alves (2004), explica que:

> [...] Entre a escrita e a visualidade existem laços de cumplicidade necessários. Uma e outra, à sua maneira e com a sua singularidade (ora enunciativa, ora ilustrativa, ora despertadora), complementam-se. A escrita indica e define o que a imagem é incapaz de mostrar. A fotografia mostra o que a escrita não pode enunciar claramente (2004, p.61).

2.3 - As fotografias

Nesse trabalho, as fotografias são o principal instrumento de registro das atividades do manejo de pesca. Desde o início dessa documentação, elas exerceram um papel fundamental na tomada e, sobretudo, na apresentação dos dados aos pescadores, já que a maioria deles não sabe ler e meus textos pouco adiantavam. A partir do segundo ano de documentação (2007), as fotografias foram usadas para análise das atividades do manejo e debate com alguns pescadores e, principalmente, com meus informantes. Juntos, diante das imagens produzidas no ano anterior, podíamos discutir e refletir sobre as cenas registradas. Estas conversas se mostraram extremamente importantes para a definição dos temas e categorias do roteiro de apresentação das fotografias dessa pesquisa.

Com a câmera fotográfica, procurei registrar as cenas que melhor descrevessem as diferentes atividades realizadas pelos pescadores no manejo. Em 2006, ano em que vivi durante seis meses entre os pescadores, produzi cerca de 3 mil fotografias. Nos anos

seguintes este número diminui não apenas por ter ficado menos tempo na região, mas, principalmente, por ter documentado somente aquilo que acreditava faltar para a conclusão do trabalho. A cada ano, após analisar as fotografias dos anos anteriores, percebia que determinadas atividades não haviam sido registradas ou precisavam ser melhor detalhadas imageticamente. Assim, para o ano seguinte, antes de retornar aos lagos, eu anotava no caderno de campo os temas que deveriam ser fotografados e abordados nas entrevistas.

Houve, portanto, um refinamento na produção das fotografias, haja vista que à medida que o trabalho evoluía diminuíam-se as atividades a serem registradas. Assim, em 2007 e 2008, o foco do meu trabalho estava na figura do pescador e, nesses dois anos, realizei a maior parte das entrevistas e produzi respectivamente 1050 e 540 fotografias, sendo a maioria retratos de pescadores. No ano de 2009 e 2010, apenas 216 fotografias foram produzidas, pois me concentrei basicamente em duas questões muito importantes: a identificação dos nomes completos dos pescadores fotografados e a coleta de suas assinaturas para a Cessão de Direito de Uso das Imagens.

Da edição das fotografias

Entendo que o fotógrafo deva criar mecanismos que facilite a organização e edição de suas fotografias. No meu caso, que havia produzido cerca de 5 mil fotografias ao longo do trabalho, identificar todos os filmes com número e data de uso foi essencial para que eu pudesse, meses depois, editá-las, criando e separando-as por temas e categorias. Pela numeração do filme e sua data de uso, eu pude analisar simultaneamente fotografias, entrevistas e anotações feitas em meu diário de campo e contrapor as informações verbais com as visuais.

A interação das linguagens verbal (escrita) e visual (fotografia) contribuiu para o trabalho de edição das imagens, já que, ao fotografar, meu olhar concentrava-se no detalhe recortado pelo enquadramento e ao escrever minha observação voltava-se para o ambiente geral, os cheiros, as vozes e minhas sensações. Nesse contexto, as entrevistas e anotações em diário de campo ampliaram minha visão sobre o manejo, ou seja, me estimularam para a produção de fotografias de cenas que eu simplesmente não enxergava, me indicaram algumas informações que as fotografias deveriam apresentar e me possibilitaram, sobretudo, ver importantes informações nas fotografias que já haviam sido feitas nos primeiros anos deste trabalho e que, por vezes, eu as ignorava.

Para o desenvolvimento da narrativa visual, selecionei inicialmente 680 imagens e num segundo momento 48 que, finalmente, compuseram a exposição fotográfica. Essa seleção priorizou não apenas a cadeia produtiva do pirarucu, mas, principalmente, as relações sociais entre os pescadores, suas famílias e sua cidade. Por razões óbvias de tamanho, serão apresentadas a seguir neste artigo apenas parte das fotografias que compuseram a exposição *Pirarucu Z-32*.

Fig. 2 – Reunião dos pescadores no Complexo do Lago Preto para definição final das regras do manejo.

Fig. 3 – Pescadores fazem limpeza do igarapé de acesso aos lagos.

Fig. 4 – Pescadores remam pelo igarapé em direção à bacia do Lago Preto.

Fig.5 – Em fila pescadores aguardam liberação dos fiscais para começar a pesca.

Fig.6 – Pescadores se espalham com seus arpões pelo lago e aguardam a boiada do pirarucu para arpoá-lo.

Fig.7 – O pescador Marcelino Orguizes mantém-se atento para perceber qualquer movimento na água.

Fig. 8– Pirarucu "bóia" e pescadores jogam os arpões em sua direção

Fig. 9– Pirarucu "bóia" ao lado da canoa e pescador lança seu arpão para capturá-lo em seguida.

Fig. 10 – Pescador traz pela arpoeira o pirarucu para próximo da sua canoa e dá-lhe em sua cabeça o golpe final com a clava de madeira.

Fig. 11 – Após cortar a lateral da boca do pirarucu, pescador puxa-o para dentro da canoa.

Fig. 12 – Pescador Hamilton Alves de Freitas puxa pirarucu para dentro de sua canoa.

Fig. 13 – Pescadores, monitores e tratadores de pirarucus se aglomeram no flutuante para acompanhar os trabalhos de pré-beneficiamento do pescado.

Fig. 14 – Os pirarucus são levados para os barcos e acondicionados em câmaras frias com o gelo.

Fig. 15 –Na Feira da Panair, em Manaus, pirarucu é vendido inteiro e eviscerado aos feirantes da cidade.

Fig. 16 – Comercialização de pescado na balsa da Feira da Panair, em Manaus

Fig. 17 – Pirarucus são vendidos em partes no comércio varejista da Feira Manaus Moderna.

" [...] o pescador tem valor porque ele leva peixe às família que por aí, você sabe, é muito grande, né. Por toda parte tem o consumo de peixe. Quer dizer que nóis dá de comer a quem não pesca"

Fig. 18 – Aloísio de Oliveira Veloso, pescador, 52 anos, em entrevista a Rafael Castanheira. Complexo do Lago Preto, outubro de 2009.

"Um pescador profissional associado ele tem muita responsabilidade, não pode pescar um peixe no clandestino. Ele tem que pescar aquele peixe que tá fora de preservação. É assim que representa mesmo. Eu não entendo muito bem não, mas um pescador profissional ele representa uma criatura assim social, né. Ele é da sociedade com certeza! É uma pessoa que é reconhecida"

Fig. 19 – José de Souza Praiano, "Zeca Praiano", pescador, 59 anos, em entrevista a Rafael Castanheira. Complexo do Lago Preto, outubro de 2008.

"Não existe mais aquela época do patrão. Agora o patrão é cada um de nós que juntos através do manejo poderemos conservar a natureza e dela extrair o nosso sustento. [...] O futuro dessa reserva é vocês [os pescadores da Colônia Z-32]"

Fig. 20 – Luis Gonzaga Medeiros de Matos, o "Luisão", 47 anos, discursa em reunião geral dos pescadores realizada no dia 26 de outubro de 2006. Complexo do Lago Preto.

Considerações finais

Ao longo dos 5 anos de trabalho realizando entrevistas com os atores sociais envolvidos no manejo, produzindo fotografias e coletando dados sobre suas atividades, conclui-se que esse modelo de pesca em Maraã não tem apenas promovido a conservação do pirarucu por meio de uma atividade ambientalmente responsável, aumentando o lucro e, consequentemente, o poder de escolha e consumo dos pescadores, mas tem também resgatado os valores culturais da pesca tradicional e promovido o espírito de coletividade entre os pescadores e demais atores envolvidos neste processo.

Acredito que esse modelo de manejo de pesca deva ser estudado e divulgado não somente para conservar os recursos naturais e melhorar as condições de vida dos pescadores, trazendo-os para a formalidade, mas também para agregar valor ao produto pirarucu em novos mercados e promover o intercâmbio de conhecimentos e tecnologias aplicadas no manejo entre pescadores, pesquisadores e empresários de outras regiões do Brasil e do mundo, estimulando-os a criar e implementar novas técnicas que sejam eficazes tanto para as comunidades de pescadores quanto para a ciência e a indústria pesqueira.

REFERÊNCIAS

ALVES, André. **Os argonautas do mangue**. Precedido de Balinese character (re) visitado / Etienne Samain. São Paulo: Editora da Unicamp, 2004.

COLLIER, John Jr. **Antropologia Visual: a fotografia como método de pesquisa**. Tradução Iara Ferraz e Solange Martins Couceiro. São Paulo, EPU, Ed. da Universidade de São Paulo, 1973.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. (Tradução de Anton P. Carr e Lígia A. C. Mendonça). São Paulo: Abril Cultural, 1976. Coleção Os Pensadores, XLIII).

MONTEIRO, Rosana H. Videografias do coração. **Um estudo etnográfico do cateterismo cardíaco**. Tese de doutorado. Campinas, SP: Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, 2001.

SCM - Sociedade Civil Mamirauá. **Mamirauá management plan**. SCM, CNPq/MCT. Brasília, 1996.